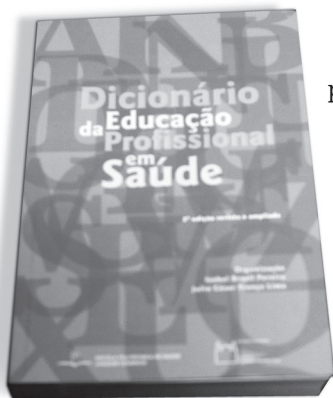


# A SAÚDE COMO PROBLEMA DE TODOS, MAIS CRÔNICAS CONTUNDENTES, O PETRÓLEO COMO FATOR DE GUERRAS, O FUNDAMENTALISMO COMO FATOR DE OPRESSÃO E AS CONDIÇÕES PRISIONAIS BRASILEIRAS VISTAS POR UM ALEMÃO



Nem só os profissionais de saúde, mas todas as pessoas interessadas em problemas humanos, podem consultar com proveito o *Dicionário da Educação Profissional em Saúde*, lançado em segunda edição revista e ampliada pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz e Ministério da Saúde, e organizado por Isabel Brasil Pereira e Julio César França Lima. Pois na sua elaboração colaboraram não apenas profissionais de saúde, como médicos em geral, sanitaristas, psicólogos, enfermeiras, mas também pedagogos, historiadores, comunicólogos,

especialistas em geral em ciências humanas, arquitetos, etc.

Há, por exemplo, verbetes como “atenção à saúde”, “avaliação em saúde”, mas também “capital cultural”, “capital humano”, “capital intelectual”, “capital social”, “divisão social do trabalho”, “globalização”, “humanização”, “neoliberalismo e saúde”, “participação social” “precarização do trabalho em saúde” e muitos outros com temáticas assim amplas. Fica claro portanto que a obra, além de seu rigor técnico em questões específicas de saúde, abrange uma ampla gama de assuntos, a mostrar que os problemas humanos em geral, desde a empregabilidade e o bem-estar, estão interligados com as questões de saúde. Parafraseando a antiga sentença latina, poderíamos dizer que esse dicionário tem como lema “Mente sã num corpo são, numa sociedade sã”. No fundo, o que está em jogo em todos os verbetes é a felicidade humana.

Também de educação, mas num outro registro, tratam várias das contundentes crônicas de Marcus Cortez no livro *Golpe na alma*, publicado pela Pé-de-Chinelo Editorial, que têm o educador Paulo Freire e seus métodos como temas evocativos e comoventes. Mas também há crônicas sobre o jornal *Folha de S. Paulo*, “A tortura que a imprensa censurou”, e sobre a Rede Globo, “A escória humana brasileira”. É uma obra sobre um sonho de Brasil feliz acalentado no início dos anos 1960 e que se transformou em pesadelo num Brasil infeliz a partir de 1964 e, particularmente, a partir de 1968.

Já a Ediouro costuma ter seus lançamentos badalados por setores da grande mídia, mas esse *A tirania do petróleo – a mais poderosa indústria do mundo e o que pode ser feito para detê-la*, da jornalista e escritora americana Antonia Juhasz, teve pouca repercussão nos grandes meios de comunicação, talvez por afetar os interesses de grandes empresas que são grandes anunciantes. A coronela Ann Wright, da Reserva do Exército dos Estados Unidos, comentou sobre o livro de Juhasz: “Se nossas tropas e o povo norte-americano quiserem saber a

razão pela qual os Estados Unidos invadiram e ocuparam o Iraque, aqui está a resposta”. E a ganhadora do Prêmio Nobel da Paz em 1997, Jody Williams, afirmou: “Juhasz apresenta o problema do petróleo com detalhes, oferecendo soluções reais e os passos concretos para conquistá-las. Em um mundo que glorifica a guerra e a violência, Juhasz nos oferece reflexão e atitude”. A conclusão de Antonia Juhasz: “Devemos pensar de modo radical, aceitar seguir novos rumos e acreditar em nossa capacidade de por fim às guerras, proteger nosso clima, nossas comunidades e nossos trabalhadores e construir um futuro mais seguro, sustentável e pacífico”.

Igualmente da Ediouro é a autobiografia *Inocência roubada – a história da mulher que chocou os EUA revelando sua vida em uma seita poligâmica*, da americana Elissa Wall, em colaboração com Lisa Pulitzer. Diz Wall: “Desde o dia em que nasci, pertenci à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Aquele modo de vida era o único que eu conhecia; não me era possível imaginar outro diferente. Pelo que me haviam ensinado, cabia ao profeta (Warren Jeffs) decidir o que era melhor para nós, e as palavras que ele dizia vinham direto de Deus”. Aos poucos, querendo ser enfermeira ou professora, além de mãe – pelos preceitos de sua Igreja teria de esforçar-se para ter filhos a partir dos 14 anos – ela foi se dando conta de que a vida com que lhe acenavam não era plenamente humana. Seu caso foi parar na Justiça e terminou com o julgamento de “um dos mais notórios criminosos dos Estados Unidos”. Essa obra poderia inspirar alguém no Brasil a pesquisar vidas semelhantes tolhidas por fundamentalismos caboclos.

Para encerrar, temos, da Best-Seller, o livro também autobiográfico de Rodger Klingler, *Memórias do submundo – um alemão desce ao inferno no Rio de Janeiro*. Hoje ele está radicado em seu país, depois de ter morado no Brasil, atraído pela beleza de suas mulheres e pelo preço baratíssimo da cocaína, em comparação com o mercado europeu. Acabou cumprindo pena por tráfico de drogas no Rio, sofrendo tratamento desumano dos policiais. Trecho: “Embora eu mantivesse os dentes firmemente trincados, deixei escapar um leve gemido. – Olha só, o alemãozinho está gostando – disse odiosamente um dos policiais”. Em suma, um brado contra nosso sistema prisional. 🏠

**Renato Pompeu** é jornalista e escritor, autor do romance-ensaio *O Mundo como Obra de Arte Criada pelo Brasil*, Editora Casa Amarela, e editor-especial de Caros Amigos. Envio de livros para a revista, rua Paris, 856, cep 01257-040, São Paulo-SP.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

